

DESVELANDO O FENÔMENO CRIATIVO EM PROJETOS DE EXTENSÃO

Revealing the Creative Phenomenon in Extension Projects

Luiz Ótávio Barreto Leite
Maura Esandola Tavares Quinhões

Resumo

Desenvolve um estudo sucinto dos modos como a criatividade se faz presente em dois projetos de extensão da UNIRIO, “Rodando as Leituras no Instituto Benjamin Constant (IBC) com a Estante Circulante” e “Teatro na Prisão”. Adota a perspectiva integradora de compreensão do fenômeno defendida por Winnicott, que construiu um paralelo rigoroso entre o desenvolvimento emocional e o desenvolvimento do potencial criativo nos seres humanos. Aborda, sob tal prisma integrador, os aspectos básicos da criatividade que é possível desocultar em tais projetos, a saber, a pessoa (seu potencial criativo), o processo, o produto criativo e as circunstâncias ambientais e culturais identificáveis no fenômeno criados.

Palavras-chave: criatividade - processos criativos - extensão - trabalho de grupo

Abstract

It develops a concise study about the manners in creative phenomenon shows up in two extension projects developed in UNIRIO, “Rodando as Leituras no IBC com a Estante Circulante” and “Teatro na Prisão”. It adopts the integrated perspective of its understanding sustained by Winnicott, who constructed an accurate parallel between the emotional development and the development of creative potential in human beings. From this view, it focuses the basic aspects of creative phenomenon that it is possible to reveal in such projects, namely the person (his/her creative potential), the process, the creative product and the environmental and cultural circumstances involved in that phenomenon.

Keywords: creative phenomenon - creative process - extension - group work.

O presente artigo responde a um antigo desejo, partilhado por seus autores, de produzirem uma reflexão conjunta sobre as ações de extensão que lhes coube já realizar em nossa Universidade, contemplando tema de sua eleição. E esse é o caso: trata-se de contribuir para uma compreensão mais ampliada dos

projetos de extensão como espaços onde ganha visibilidade o *acontecimento criador*.

Temos, há muitos anos, nos empenhado em associar as práticas leitoras - objeto de nosso cuidado em disciplinas por nós ministradas - e ações de extensão. Sem perder de vista a relevância daqueles projetos como domínios de aprofundamento da inclusão social a que tantos alunos bolsistas e integrantes de diferentes públicos-alvo aspiram. E sem subestimar (muito pelo contrário) a experiência criativa que aí emerge.

A nosso ver, abordá-la significa tentar apreendê-la sob um prisma mais *integrador* adotado por Winnicott (1976, 1989). Faz-se necessário dar conta dos seguintes aspectos da criatividade: a pessoa, os processos mentais em jogo, o produto criativo e as circunstâncias ambientais e culturais envolvidas no referido acontecimento criador.

Essa reflexão, por sua vez, pressupõe a acolhida de um ponto de vista defendido por aquele psicanalista integrante da Escola de Londres (de derivação kleiniana), muito bem sintetizado por Graña (2007, p. 16): “[...] qualquer conhecimento autêntico da cultura e da vida depende de um processo de recriação do mundo por meio de nossa própria imaginação”.

Temos em mente que não faltam confusões ou imprecisões de ordem conceitual no emprego de vocábulos como “criatividade”, “fenômeno criativo” e “potencial criativo”. Atenta a essa questão e bem fundamentada no conhecimento dos trabalhos de Winnicott, uma psicóloga brasileira propôs um conceito bem abrangente e preciso de criatividade: “[...] é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo” (SAKAMOTO, 1999, p. 24).

A abordagem daqueles aspectos precedentemente mencionados que o fenômeno criativo compreende terá como foco ou marco referencial de estudo os projetos “*Rodando as Leituras no Instituto Benjamin Constant - (IBC) com a Estante Circulante*” - desenvolvido nessa instituição desde 2007 (RELATÓRIO ANUAL PROEX, 2011, 2012, 2013, 2014) - e “*Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica na construção do sujeito em direção à cidadania*”, (SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA, 7, 2008). iniciado em 1997 junto aos docentes e discentes da nossa Escola de Teatro, no Complexo Frei Caneca, na Penitenciária Lemos Brito, posteriormente ampliado a outras unidades, a exemplo da Penitenciária Talavera Bruce, que abriga mulheres apenas, e coordenado na atualidade pelas professoras dessa Escola Viviane Narvaes e Natália Ribeiro Fiche.

A coordenadora das atividades promovidas no IBC e voltadas para alunos na faixa etária de seis a quinze anos, portadores de deficiência visual (total ou parcial), dentre as quais sobressai a “contação de histórias”, identifica em seus bolsistas pessoas que criam e esforça-se por estimular a sua afetividade e as habilidades sociais assertivas (estabelecer relacionamento afetivo está incluída

entre essas). Com base em Winnicott (1980; 1989), é possível inferirmos que a afetividade permeia o curso do desenvolvimento do potencial criativo.

O trabalho em grupo valorizado no projeto do IBC, com a participação de alunos das áreas de Saúde, Artes e Ciências Humanas (em especial, os de Biblioteconomia), determina, conforme comprovou Sakamoto (2000), condições ambientais que favorecem a manifestação criadora. É o que se observa quando os bolsistas vinculados à nossa Escola de Música compõem letras e músicas de modo a revalorizar as histórias inventadas ou não raro recriadas pela própria coordenadora do projeto.



Figura 1- Um aspecto da narração de histórias por bolsistas no IBC

Vale ressaltar, a propósito do desenvolvimento de tal projeto, que a criatividade não se faz presente apenas nas histórias muitas vezes criadas pela coordenadora, mas sobretudo em sua *performance* como narradora. Para a audiência, também formada pelos alunos do IBC, essa *performance* - a reiteração de valores universais (como a solidariedade, o amor pela família e o respeito ao Outro) rememorados a cada nova narração - parece revelar-se mais importante do que propriamente o enredo ou o final da história.

Os bolsistas são permanentemente motivados a participar da “contação de histórias”, procurando destacar o que elas exibem de poético, provocando comentários dos componentes do público-alvo, realizando breves encenações e explorando a sua capacidade de cantar de forma a pôr em relevo as qualidades das composições musicais criadas pelos colegas bolsistas da Escola de Música. Nesse contexto ocorre uma variação de uma espécie de

baile das quatro artes (expressão que assimilamos ao título de uma obra ensaística de Mário de Andrade).

Sakamoto (1999) argumenta que a atividade criadora expressa a natureza humana, uma vez que o homem, por meio da criatividade, constrói seu destino e seu próprio mundo, alcança uma consciência sobre suas potencialidades, desvenda a condição de sua liberdade pessoal e edifica sua autonomia. Enfim, a criatividade lhe possibilita existir e evoluir, se expressar e modelar parcelas do universo das possibilidades humanas (Winnecott, 1976). A criatividade enquanto expressão humana de vida se apoia no conjunto aqui já focalizado dos elementos indivíduo-processo- ambiente -produto; se reunidos organizadamente, redundam na *experiência criativa*.

O clima de criatividade que se instaura nos espaços do IBC destinados às ações de extensão previstas nesse projeto contagia os próprios alunos do IBC. Assim sendo, graças à história inventada pela coordenadora *A borboleta amarela* (2012), estes se puseram a pintar borboletas e as colaram em cartolina colorida com a ajuda dos bolsistas. Esse mesmo público-alvo, em outra ocasião, entusiasmado pela apresentação da história *A invasão dos índios no Sítio do Picapau Amarelo* (2009), julgou por bem criar cocares com folhas de jornal e cada integrante colou uma pena nesse arco, na direção da testa. Tal clima que envolve a experiência criativa, no dizer de Winnicott (1976), se acha basicamente vinculado ao sentimento de confiança; em meio a esse geraram-se, conforme foi possível assinalar anteriormente, momentos muito especiais em que se compartilharam sentimentos, emoções e valores, com um forte sentido de inclusão social.



Figura 2- Narração de *A borboleta amarela* (2012) na Pracinha da Leitura no IBC

O hábito da *leitura compartilhada* (mesmo sob a forma de narração oral) serve para estimular nas crianças que compõem aquele público-alvo a sua criatividade, imaginação e formas de expressão corporal, proporcionando um ambiente de aprendizagem rico em estímulos sensoriais e intelectuais; esse pode assegurar-lhes uma desejável segurança emocional e psicológica e permitir-lhes que se relacionem de modo mais intenso e criem coletivamente com os seus companheiros.

Por seu turno, as coordenadoras do projeto “Teatro na Prisão” também estimulam o potencial criativo contido em seus bolsistas que as ajudam a promover jogos dramáticos - inspirados na obra paradigmática de Augusto Boal (1999) - junto aos detentos. O objetivo principal desse projeto reside em incentivar a aquisição da linguagem teatral, despertando por esse caminho a consciência para a cidadania.

Cumprir sintetizar o ponto de vista defendido pelas coordenadoras desse projeto: a prisão, com regras restritas de vigilância e segurança, potencializa a dor e o sofrimento, aniquila a vontade e a potência de viver. Nos espaços onde o preso estiver, um “olho” espreita, ainda que ele nem perceba o panóptico – sistema ou dispositivo que permite vigilantes observarem todas as partes do prédio, sem serem observados; a vida se apresenta como uma antecipação da morte, porque o preso deixa de ter projetos, uma esperança de vida em liberdade; a manutenção da humilhação é reforçada, seja pelo corpo ou pela palavra, atingindo o “eu”. O preso assumindo projetos poderia construir o seu *status* de cidadão.

O papel do teatro, em geral, é libertário e socializador, porque mostra e expõe. O do *Teatro na Prisão* consiste em expor o corpo e a alma do preso, suas transparências, dificuldades, opacidades e violências; sob tal aspecto, lembramos o filme italiano *César deve morrer* dirigido pelos irmãos Paolo e Vittorio Taviani.



Imagem 3- Bolsistas do Teatro na Prisão após oficina cênica na entrada da Penitenciária Lemos Brito

O teatro é aqui entendido e valorizado como uma *forma de pensar*; por meio dele, pode-se levar o preso, envolvido no já referido clima de criatividade, a pensar sobre si próprio e a prisão.

Ao se adotar esse ponto de vista, as oficinas realizadas pelos bolsistas juntamente com a(s) coordenadoras e os internos ensinam a linguagem do teatro com exercícios baseados também na descrição de *indutores* e *zonas de consciência* proposta por Ryngaert (1985), incluindo ainda, segundo Naylor Rocha (2009), improvisações livres e temáticas, aulas de expressão corporal e vocal e conceitos próprios à moderna teoria teatral e à História do Teatro.

No projeto em exame, o processo pelo qual se mobiliza o potencial criador dos alunos - voltados, de maneira constante, para o exercício teatral - privilegia as experiências do preso, incentivando-o a assumir o papel de ator de sua própria história, no espaço onde se encontra. Tal processo costuma iniciar-se pela análise/leitura de textos vinculados às situações vividas; estas compreendem as tensões entre vida e morte mediadas pela lei, execução penal, princípios de justiça, liberdade e crime, além de relações que a instituição possa entreter com a própria consciência individual.

As encenações se destacam nesse projeto como os mais relevantes *produtos criativos*; para tanto se faz necessária a adoção, desde uma primeira fase, dos indutores propostos por Ryngaert (1985), a saber: - espaço, imagem, personagem e texto.

O “indutor espaço” conduz a construção da história a ser improvisada, permitindo que os atores-internos percebam o espaço físico (ou seja, do cárcere) onde a ação se desenrola: espaço-cenário, espaço-plateia, espaço-bastidores. O olhar aqui se destaca como o elemento chave, porque vai ativar a imaginação, levando à criação de diferentes formas plásticas de ocupar aquele espaço vazio.

O “indutor imagem” lida com a relação entre corpo e espaço. Na oficina, quando a palavra é eliminada surge o sentido, como a imagem, que expressa pensamentos antes vividos somente por meio de palavras. Sair da verbalização para a improvisação com o indutor-imagem (imagens análogas, imagens complementares ou opostas) significa experimentar novas possibilidades cênicas.

O “indutor personagem” impede que o ator-interno construa o personagem na caricatura ou estereótipo, fazendo-o relacionar-se com o personagem em um jogo ator-interno/personagem. A ficção não é apenas do personagem e ator, é parte integrante da construção da história.

O “indutor texto” é submetido às leituras que, por serem improvisações, constroem o final da cena: texto e pré-texto, texto integral, texto a dramatizar, conjunto de palavras, conjunto de frases, capítulos.

Nos processos criativos revelados pelas encenações, segundo Soares (2006), a prática de um novo tipo de conhecimento, o saber sensível, envolve o corpo no fazer atento, consciente, direcionado para o momento e para os acontecimentos, formas e sentimentos humanos. Assim, no corpo reside a fundamentação da educação estética, indicativa da capacidade do ser humano de sentir a si mesmo e ao mundo em um todo integrado. Isso, não no sentido desvirtuado que a expressão assumiu no âmbito escolar, resumindo-se na transferência de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. De outro lado, dá lugar à intuição, à imaginação e a novas formas de ver o mundo. Daí a necessidade da educação e o sentimento. Uma educação sensível é, portanto, de outra espécie; se volta para os sentidos humanos, para a percepção sensível e direta da realidade.



Imagem 4- Grupo de Bolsistas e coordenadora do Projeto Teatro na Prisão

Não existe um único caminho como estratégia de produção a ser seguido pelos estudantes bolsistas, mas sim um procedimento discursivo que apresenta aspectos criativos do contexto em que os bolsistas vivem e interagem com os demais companheiros e com o público-alvo. Daí se necessitar aprender modelos para as ações e extrair regularidades que formem competências a empregar nas práticas que se julgam relevantes para que alguém seja considerado um leitor competente.

Na visão de Soares (2006), o teatro e a arte cumprem importante papel na educação dos sentidos e no desenvolvimento da capacidade do aluno, porque o ajuda a dar significado ao mundo e à vida, pela possibilidade de estimular nele uma atitude ativa, participativa e criativa diante do mundo. Assim, ao exercitar os sentidos, o indivíduo deixa de atuar mecanicamente como *robô*, reproduzindo valores despojados de sentido e comportamentos estereotipados. Sua ação, pensamento e sentimento nascem fundados na experiência sensível, partem do próprio corpo, num movimento vindo de dentro para fora, e não a partir do que é imposto.

Assim como foi possível constatar no projeto “*Rodando as leituras no IBC com a Estante Circulante*”, o trabalho de grupo favorece no “*Teatro na Prisão*” a instauração de um ambiente propício ao desenvolvimento dos processos criativos. O exercício teatral é, conforme nos esclareceu, em depoimento pessoal, a professora Natália Fiche, uma atividade de grupo onde os desafios são propostos tendo por finalidade a realização de expressões criadoras, que têm a potencialidade de construção e conscientização do ser social. Nas ações que se desdobram, observa-se que os integrantes do “espetáculo” (atores e

espectadores) trazem à memória o passado, vivem o presente e fantasiam o futuro.

Ademais, podemos argumentar que nesses mesmos grupos a própria vida é recriada, as trocas sociais são estimuladas, contemplando a realização dos sonhos e/ou utopias; essas, além de possuírem um caráter individual, revelam um perfil histórico. As atividades empreendidas podem contribuir para formular esperanças de vida e promover realização pessoal e resgate da autoestima e, portanto, do sentido da cidadania naquilo que esta possui de mais amplo.

Na criatividade, é possível reconhecer, à luz da investigação de Sakamoto (2000), a existência de um elemento fundamental: trata-se de uma maneira específica de conduzir a atividade criadora. Esse foi por nós assinalado em ambos os projetos de extensão aqui abordados, considerando o papel de supervisão e dinamização desempenhado por suas coordenadoras. Não basta, no fenômeno criador, haver ações bem planejadas; parece ser essencial que “as ações envolvidas estejam reunidas sob um eixo de ordem através de uma dada organização, que pode estar relacionada às diretrizes da individualidade ou às peculiaridades do Eu” (SAKAMOTO, 2000, p. 57).

Eis a razão por que muitos projetos de extensão em curso em nossa Universidade - sem desmerecermos o seu compromisso com a formação para a cidadania - se destacam, em meio a tantos problemas identificados nos programas de ensino e no desdobramento da pesquisa, como uma verdadeira clareira onde o acontecimento criador vem se abrigar.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAÑA, Roberto B. Origens de Winnicott: antecedentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

Naylor Rocha, Maria de Lourdes. Teatro na prisão: uma experiência pedagógica. PO Percevejo on line. Periódico do Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas (PPG/UNIRIO), 1, fascículo 2, jul./dez., p. 1-10, 2009.

QUINHÕES, Maura E. Tavares. A borboleta vaidosa, 2010. 2 f.(texto mimeografado não publicado).

_____. A invasão dos índios, 2009. 3f. (texto mimeografado não publicado).

_____. Relatório anual PROEX, 2011, 2012, 2013, 2014. (texto mimeografado). DEXC, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2011, 2012, 2013, 2014.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Jouer, représenter: pratiques dramatiques et formation. Paris, France: Cedic, 1985

SAKAMOTO, Cleusa Kasue. A criatividade sob a luz da experiência: a busca de uma visão integradora do fenômeno criativo. São Paulo, 1999. 296 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

_____. Criatividade: teoria e prática, São Paulo, v.2, n.1, 2000, p.50-58.

SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA, 7, 2009, Rio de Janeiro, Resumos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, 2009.

SOARES, Carmela Correa. Artes e educação. v.2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2006.

WINNICOTT, Donald Wood. A família e o desenvolvimento do indivíduo. Trad. Jane Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

_____, Donald Wood. O brincar e a realidade. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanete Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____, Donald Wood. Tudo começa em casa. Trad. Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.